

**DISCURSO DE POSSE DE
AGNALDO RODRIGUES DA SILVA
ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS
CADEIRA Nº 10**

Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Acadêmico Eduardo Mahon, em nome de quem cumprimento a todos os acadêmicos desta Casa Barão de Melgaço.

Magnífico Senhor Reitor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Professor Doutor Dionei José da Silva, em nome de quem cumprimento professores, técnico-administrativos e alunos da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Autoridades presentes e representantes.

Familiares, caros amigos, senhores e senhoras que vieram a convite desta Academia, da UNEMAT, de familiares ou de amigos.

Sejam bem vindos, nesta solenidade de posse!

Feitas essas saudações, na qualidade de professor de Literatura e teatro, e também praticante do ofício da escrita científica e da criação literária, seguirei no lastro dos épicos, quando os artistas evocavam as musas inspiradoras para guiar a construção da arte e da literatura. As musas, na mitologia grega, eram entidades que tinham a capacidade de inspirar as produções artísticas, literárias e científicas. Filhas de Mnemósine e Zeus, elas eram nove e todas moravam no *Museion*, vocábulo que deu origem a palavra museu nas diversas línguas indo-europeias, um espaço destinado ao cultivo, preservação e valorização da obra de arte e da ciência.

Da inspiração

A exemplo de Homero que clamou às filhas de Mnemósine inspiração para criar *Odisséia* e Camões que evocou as Tágides, ninfas do rio Tejo, em

Portugal, para construir *Os Lusíadas*, também farei uma homenagem a 9 (nove) mulheres que admiro, que desenvolvem suas atividades em espaços distintos, as quais passo a citar.

Busquei inspiração deste discurso nas mulheres de minha família (Maria Rodrigues da Silva/mãe; Aparecida Rodrigues da Silva/irmã; Paula Sheila Rodrigues da Silva/irmã), guerreiras, trabalhadoras, vitoriosas; mulheres da Universidade do Estado de Mato Grosso (Olga Maria Castrillon-Mendes, Vera Lúcia da Rocha Maquêa, Elisabeth Batista), minhas eternas professoras, com as quais aprendi a amar a literatura e a arte; mulheres desta Academia Mato-Grossense de Letras (Yasmin Jamil Nadaf, Nilza Queiroz Freire, Elizabeth Madureira Siqueira), pesquisadoras-escritoras que integram o time de constelação das notáveis personalidades mato-grossenses. Como fiz homenagem às mulheres desta Academia, preciso lembrar Vera Randazzo e Amini Haddad, duas personalidades dotas no ofício da escrita e da intervenção cultural: a primeira é poeta; a segunda magistrada.

Da Cadeira nº 10

É com muita emoção, que sufoca parte de minha razão pelo furor e ansiedade deste momento, chego a esta casa de cultura, onde vou ocupar a cadeira número 10 (dez), convivendo com ilustres confrades das mais diversas áreas de conhecimento, Letras, Direito, História, Medicina, Contabilidade, Administração, Economia, Biologia, Odontologia, Jornalismo, entre outros. Áreas que são pilares sociedade e que determinam os destinos da evolução científica e cultural das civilizações ao longo da história da humanidade.

Fui eleito para ocupar, senhores, a cadeira que teve como último ocupante o ilustre Corsíndio Monteiro da Silva, cuiabano, Bacharel em Ciências e Letras e também em Ciências Jurídicas e Sociais, a quem, pelo caráter consolidado de sua obra, que muito bem representou Mato Grosso e esta

Academia, preferi chamar de Historiador. Cadeira que teve como fundador (primeiro ocupante) o Desembargador Palmiro Pimenta, nascido em Cuiabá; cadeira cujo patrono é o professor Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga, também cuiabano, que pelas suas intervenções, preferi chamar de magistrado.

Uma cadeira que sempre fora ocupada por personalidades cuiabanas, hoje se abre para o interior do Estado, demonstrando a consolidação da Academia Mato-Grossense de Letras na difusão cultural da região, bem como a agregação de escritores e artistas das diversas terras de Mato Grosso, como acontecera com o professor Natalino Ferreira Mendes, nascido na tradicional cidade de Cáceres, a Vila Maria, de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, terra que o poeta Natalino¹ assim cantou:

Oh? Terra cacerense, Terra minha,/Tens tudo o que é preciso p'ra crescer:/ Potência hidráulica, vigor,/ Cursos d'água colossos e piscosos.../ Incontáveis florestas viridentes.../ - Tens ouro e tens cobre e salitre;/ Tua terra produz o que se planta:/ - Multiplica as sementes, que recebe,/ Dá de si para o homem todo bem!

Antes de reviver o sentido da imortalidade dos escritores que me antecederam nesta Cadeira nº 10, considero salutar apontar algumas passagens de minha trajetória de vida. Nascido em Cáceres, em janeiro, no dia de São Sebastião (do grego *Sebastós*, cujo significado é divino, venerável), do ano de 1973, posso dizer que não vi o tempo passar, mas lembro de cada conquista e das pessoas que ajudaram a calgar os degraus dessas vitórias. Janeiro, quando nasci, é o primeiro mês do ano, cujo nome origina-se do latim, uma homenagem a *Jano*, o deus do começo, segundo a mitologia romana. Esse deus tinha duas faces: uma que olhava para trás (passado) e outra que olhava para frente (futuro). É nessa perspectiva que me vejo: um pesquisador que valoriza a produção daqueles que vieram antes, mas que propõe novas formas de pensar a produção

¹ MENDES, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 15.

literária em Mato Grosso, neste tempo de globalização, quando se repensam conceitos de multiculturalismo, hibridismo, centro e periferia, metrópole e colônia, desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Da trajetória de vida

Fruto de escolas e universidades públicas, minha consciência obriga-me a lembrar dos espaços escolares que frequentei, bem como dos professores que me fizeram galgar série a série, grau a grau, título a título. Homenageio, neste momento, as escolas: Espiridião Marques (Cáceres), Demétrio Costa Pereira (Cáceres), Onze de Março (Cáceres), Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; nessa homenagem, faço reverências, com uma coroa de reconhecimentos, aos professores que compartilharam comigo seus conhecimentos, tanto na educação básica quanto Superior, bem como a todos aqueles que fizeram parte de minha vida estudantil, meus saudosos colegas de sala de aula.

Não obstante, o fato de ser resultado de instituições públicas não constituiu impedimento para conquistas. E esta é uma prova, ocupar uma cadeira na Academia das Letras Mato-Grossenses, dando alegria a minha cidade de Cáceres (onde nasci) e a cidade que eu acolhi para o desempenho de minha função docente na educação superior (Tangará da Serra).

Torna-se necessário falar do município de Tangará da Serra, onde tenho amigos de coração e que hoje estão nesta Academia para celebrar comigo esta ocasião de realização pessoal e profissional. Lembro-me que para Tangará, eu fiz uma homenagem quando publiquei o conto “O mistério do pássaro da Serra”, no livro *Cantos do Mundo* (2008) e, depois, *Mente Insana* (2010). Hoje, sinto-me homenageado pela presença dos companheiros de trabalho do Campus Universitário de origem.

Em Cáceres, passei minha infância e juventude e hoje sou o professor Agnaldo Rodrigues, aquele que lecionou nas Escolas Demétrio Costa Pereira, Dom Galibert, Onze de Março, UNEMAT. Aquele que escreve textos sobre literatura, arte, teatro e ensino. O Agnaldo Rodrigues que publica criação literária, contos que habitam livros como: *A penumbra*, *Mente Insana*, *Dose de Cicuta*, *Terra Latina*, *Cantos do Mundo*, *Quero meu País de Volta*, *Pax Litteris*, *Brainstorm*, *Navegantes das Letras* e, em breve, *Baú de Pecados*. São tantos contos que os alunos já brigam comigo, pois confundo os livros que os publiquei e troco as personagens de um conto para outro.

Os cacerenses mais antigos ainda se referem a mim com a expressão “aquele menino”, como se o tempo não tivesse passado; o menino que hoje produz ciência, como fiz nos livros: *O futurismo e o teatro*, *Ensaio de Literatura Comparada*, *Diálogos Literários*, *Projeção de Mitos no Teatro*, *Teatro Mato-Grossense*, *Universidade e Política*, *Escritos Culturais*, *Licenciaturas em Foco*, *Poéticas Políticas e Representações Literárias*, *Nas entrelinhas do texto*, *Metodologia do Trabalho Científico*, *Trilhos e Desvios da Linguagem*, *A Teoria e a Prática na Articulação de Saberes*, *Esse Entre-lugar na Literatura*, *Estudos Literários em Perspectiva*, entre outros livros e revistas onde foram publicados textos que têm colaborado com os estudos literários, artísticos, educacionais e culturais.

Por isso, sinto-me realizado. Hoje, dou alegria aos que foram meus professores, colegas, familiares, amigos. Às escolas onde estudei, lectionei, desenvolvi projetos educacionais. À Universidade do Estado de Mato Grosso aos meus companheiros de trabalho. Dou alegria às minhas cidades: Cáceres e Tangará da Serra. A primeira é natal (minha cidade mãe); a segunda por adoção. À educação pública que vê mais um de seus resultados, galgando patamares.

Sobremaneira, sinto-me alegre por compartilhar este momento com cada de um de vocês que prestigiam esta solenidade.

Academia Mato-Grossense de Letras, 92 anos, instituição centenária, lugar de cultura, intelectuais, prosadores, cronistas, poetas e escritores de inúmeras linhas e frentes do conhecimento. Organismo social, esta academia é uma instituição cultural que representa a ancestralidade das Letras em Mato Grosso. Imortalidade acadêmica que faz brilhar perpetuamente todos que ocuparam uma cadeira, cuja vida e obra são revitalizadas a cada posse, a cada novo ocupante.

Agraciado com a Cadeira nº 10, por meio de eleição seriamente conduzida pelos acadêmicos que agora me recebem, chegou a hora de reviver aqueles que me antecederam. Momento de satisfação, orgulho (positivo), de indicar cada astro (estrela, no sentido poético) que continua a brilhar no céu de Mato Grosso, na Casa Barão de Melgaço, nas Letras de nosso Estado. Brilho que não se apaga, porque cultura não se mata, muito menos se esquece (de) ou abandona. Quisera eu ser um poeta para cantar tão docente os intelectuais que agora vou relatar aspectos de vida e obra. Mas não sou poeta, sou prosador e, portanto, pela prosa os farei reviver. Pela prosa tentarei narrar poeticamente os feitos dessas personalidades tanto Estado quanto no País.

Era uma vez (começo assim porque eles se transformaram em lenda ou mito), nesta terra de Cuiabá. Bati na porta do passado (toc, toc, toc). Uma voz perguntou: quem bate? Respondi: Agnaldo, filho de Juno (aquele, o deus de duas faces que olha para o passado e futuro). A porta abriu e eu entrei. Fiquei encantado!

- Nossa, como o passado é lindo! Quanta glória! Feitos! Conquistas! Meus Deus, quantas personalidades! Vultos incontestes da história do mundo, das civilizações, das nações, pátrias, comunidades! Que lugar bonito,

maravilhoso, cheio de história e cultura, um espaço onde convivem o passado e o presente, heróis visionários, com tantos legados.

No início, o encantamento deixou-me atordoado. Depois, fui entendendo, compreendendo, localizando-me frente àquele cronotopo (junção de tempo e espaço, conforme teoriza Mikhail Bakhtin). O tempo dinamizou-se, era passado e presente, e eu ali somando com minha potencialidade de futuro. Retratos em volta, uma galeria de letrados, historiadores, magistrados, médicos, enfim de cientistas, prosadores e poetas.

Meus amigos! Esse lugar é a Academia Mato-Grossense de Letras.

Duas deusas vieram me receber: a primeira, Yasmin (nome de origem árabe, que significa flor de Jasmim), perfumada, calorosa, benéfica, flor da primavera e do verão, que sempre foge do frio de inverno e gosta da luz. A segunda, Elizabeth Madureira Siqueira (nome de origem hebraica, que significa consagrada a Deus), inteligência verdadeira, pensante que gosta de ensinar. Perguntaram-me: o que procuras, Agnaldo? Preciso encontrar duas personalidades, conversar com eles, pois o oráculo disse-me que irei sucedê-los em breve, eu respondi.

Elas seguraram minhas mãos e me levaram a três imortais: Prudêncio Giralde Tavares da Veiga Cabral, Palmiro Pimenta e Corsíndio Monteiro da Silva. O coração batia forte, pois, enfim, eu havia compreendido que o passado nunca morre, ele está impregnado no presente, assim como estará no futuro. Como afirmou Nelly Novaes Coelho, de quem sou discípulo, missionária que com suas mãos divinas fez-me acertar os passos na investigação científica em literatura e teatro, “para compreender o presente é necessário voltar os olhos para o passado”².

Conheçam, senhores, esses imortais!

² SILVA, Agnaldo Rodrigues. **O futurismo e o teatro**. Cáceres, 2003.

Do Patrono

Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral é o patrono da cadeira nº 10. Professor e um dos pioneiros do Direito Administrativo no Brasil, ele publicou obras significativas nas suas áreas de atuação. Nascido em 22 de abril de 1800, em Cuiabá, estudou em Salvador e Coimbra/ Portugal, onde se bacharelou em Direito, na Universidade de Coimbra. Desenvolveu funções de Juiz, Ouvidor e Professor Catedrático; teve a honra de ter uma de suas aulas assistidas pelo Imperador D. Pedro II, em São Paulo. O Dr. Prudêncio Cabral, pelos seus méritos, “foi elevado a Conselheiro do Estado e agraciado com a Ordem de Cristo no grau de Comendador”³. Pelos seus feitos, ele é merecidamente patrono dessa Cadeira, que tenho a honra de ocupar a partir desta data.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o professor da Veiga faleceu em São Paulo – SP, no dia 9 de janeiro de 1862, sendo homenageado por esta academia, pelas suas inegáveis contribuições a cultura e intelectualidade brasileira, honrando a sociedade mato-grossense. A ele, eu dedico, como homenagem, minhas obras científicas, nas quais penso a educação brasileira e mato-grossense. São os livros: *Universidade e Política, Licenciaturas em Foco, A Teoria e Prática na Articulação de Saberes, Estudos Literários em Perspectiva – literatura, arte e ensino, Diálogos literários – literatura, Comparativismo e ensino*, bem como toda coleção de Revistas Ecos, que em 2014 somam 17 volumes. Principal revista da área de Letras da UNEMAT, com impacto positivo em literatura e linguística, tanto no Brasil quanto no exterior. Criada por mim em 2003, essa revista teve o apoio crucial do

³ REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE DIAMANTE – 1921/1996. Coordenação de Elizabeth Madureira Siqueira. Academia Matogrossense de Letras. Cuiabá, 1996

poeta Isaac Newton Almeida Ramos, que então era Diretor do Instituto de Linguagem/UNEMAT.

Por sua trajetória épica, ao professor Prudêncio Cabral segue um poema que traduz a coragem de navegar “por mares nunca de antes navegados”⁴, em busca de conquistas além-mar:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(PESSOA)⁵.

Do primeiro ocupante

Sobre Palmiro Pimenta, tenho as seguintes informações: cuiabano, nascido a 7 de outubro de 1891. Bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, exerceu as funções de Delegado de Polícia, Promotor de Justiça, Juiz de Direito, Desembargador, professor e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, em Mato Grosso.

Poeta, cuja produção volta-se ao parnasianismo, contribuiu com a imprensa mato-grossense. Essa notável personalidade integra o time de fundadores do Centro Matogrossense de Letras, em 1921, pouco tempo depois Academia, ao lado de Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Estevão de Mendonça e outros vultos de nossa história e cultura. Palmiro Pimenta foi o

⁴ CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Martin claret, 2001.

⁵ PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

primeiro titular da Cadeira nº 10; ocupou a Vice-presidência desta Academia de Letras, colaborando, como sócio efetivo, com o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Em 1968, Palmiro faleceu, em Cuiabá. Mas tornou-se imortal devido suas obras, contribuições que somaram na sedimentação da cultura mato-grossense e brasileira, e hoje o reverenciamos na galeria dos mais notáveis letrados do Estado. A Palmiro Pimenta, eu dedico as minhas obras historiográficas, das quais cito (as obras que escrevi em parcerias, peço licença aos co - organizadores e/ou autores para esta dedicatória): *O Futurismo e o Teatro, Ensaios de Literatura Comparada, Projeção de Mitos e Construção Histórica no Teatro Trágico, Teatro Mato-Grossense: história, crítica e textos, Estudos Culturais – literatura, arte, movimento, Poéticas, Políticas e Representações Literárias, Nas Entrelinhas do Texto, Trilhos e Desvios da Linguagem, Esse Entre-lugar na Literatura*, e coletâneas onde publiquei textos de história e crítica literária e de arte, publicados no Brasil e no exterior.

Palmiro, a você que fora tão ilustre e brilha na constelação de escritores mato-grossenses, que saiu desta terra de Mato Grosso para o mundo, homenagem - te com o seguinte poema⁶:

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas
maravilhosas.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas
com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os
besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa

⁶ “Mundo Pequeno”, de Manoel de Barros. Retirado de **O livro das ignoranças**

Ele me rã
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter
os ocasos.
(BARROS).

Do último ocupante

Diante do ilustre Corsíndio Monteiro da Silva, a minha pequenez acentua-se ainda mais. Prudêncio Cabral, Palmiro Pimenta, Corsíndio Silva. Imortais! Magistrados, juristas, cuiabanos. Uma tradição. Senhores imortais, peço licença para ocupar a Cadeira n 10. Sei que não sou magistrado, sou professor. Não sou jurista, sou literato, homem do teatro. Não sou cuiabano, sou cacerense, da histórica e bicentenária Cáceres. Minha Cáceres, como a descrevo no livro *Dose de Cicuta*, no conto “A casa dos anjos”: “o tempo passava e a cidade envelhecia significativa”. Mas é um envelhecimento que a deixa cada vez mais histórica e bela.

Antes que me sinta autorizado a ocupar a cadeira, preciso narrar a trajetória de Corsíndio Monteiro da Silva. Nascido a 24 de abril de 1918, nesta cidade de Cuiabá, bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, em 1940; e também em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito no Rio de Janeiro, em 1948. Pertenceu à Ordem dos Advogados do Brasil, exercendo o ofício de advogado militante no Foro do Rio de Janeiro, de magistrado e, além disso, professor de Legislação Pessoal, em Brasília. Enriquece a trajetória de Corsíndio sua inserção e atuação em entidades de cultura e intelectualidade, tais como: Academia Mato-Grossense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Academia de Letras de Brasília, Associação Nacional de Escritores.

Diante de tanta produção perante a carreira jurídica, com agraciamentos, condecorações nos âmbitos do Judiciário, do Legislativo, Executivo, Cultural e Exército, a obra dessa notável personalidade mato-

grossense revela-se altamente historiográfica. Por isso, pela minha análise crítica, pude considerá-lo, sobretudo, um historiador. Historiador das Américas, do Brasil, de Mato Grosso, de Cuiabá e do judiciário, articulando todas essas esferas com a geografia, a cultura e o conhecimento. Corsíndio Monteiro da Silva, último ocupante da Cadeira nº 10, desta casa de Letras, faleceu no ano de 2007, em Brasília, onde residia desde 1961, tendo parte de seu acervo doado, pela família, à Casa Barão de Melgaço.

Autor de vasta obra literária, que gira em torno do Direito, da Língua Portuguesa e da Cultura Mato-Grossense, eu dedico a Corsíndio minha criação literária; sem dúvida, ele é um ícone da intelectualidade brasileira, um escritor que foi de Cuiabá, mas também de Mato Grosso, do Brasil, das Américas. Dedico, portanto, a ele os meus livros: *A penumbra*, *Mente Insana*, *Dose de Cicuta*, bem como os textos de ficção publicados em: *Terra Latina*, *Cantos do Mundo*, *Brainstorm*, *Quero meu País de Volta*, *Navegantes das Letras*, *Pax Litteris*; e, ainda, a obra que publicarei este ano, intitulada *Baú de Pecados*. Confesso aos senhores que na minha escrita a criação literária é o elixir que atribui forças para o ofício de escritor. Produzo ciência porque é preciso, é necessário. Crio mundos literários e os habito com personagens porque gosto, sinto grande satisfação, realização, revitalização de Minha alma.

Para você, ilustre Corsíndio, não mencionarei poema como fiz aos demais, mas lhe homenagearei com um trecho de minha própria criação, que traduz um pouco de Agnaldo Rodrigues no mundo. *É como um ritual de passagem, você autorizando-me a sentar na Cadeira da Imortalidade, permitindo à Yasmin Nadaf vestir-me a Pelerine*; e, portanto, conheça um pouco de meus sentimentos e dificuldades no mundo.

Cito, do conto “A cúpula dos pecados”⁷:

⁷ Rodrigues, Agnaldo. *Mente Insana* 2008, p.107-108.

Meteram uma asa branca de anjo em mim e prenderam-me no interior de uma cúpula. Esqueceram-me lá. A cúpula era feita de vidros transparentes, para que o pecado não chegasse até mim, no entanto eu podia ver tudo o que se passava do lado de fora. Não tinha nada lá dentro. Eu não sentia fome, nem sede. Apenas a vontade de sair. Tentei arrancar as asas, mas ela não saía, estava grudada nos ossos de minhas costas [...] Comecei a ver através dos vidros os pecados do mundo e eu queria estar lá, meio a esses pecados. Pecados sujos, indelicados, grosseiros, gosmentos. Mas, eram os pecados do mundo [...]. Um dia, alguém abriu a cúpula e saiu voando e minhas asas empretejavam. Gritei por várias vezes que estava livre, livre para vida. Voei pelo mundo para descontar o tempo em que fiquei encarcerado.

Ilustríssimos senhores, aqui estou eu. Sai de Cáceres e conheci Mato Grosso, o Brasil, a Europa, o Mundo.

Os grilhões que me prendiam na ignorância foram rompidos pela Educação. Educação que liberta, ilumina consciências, dissipa trevas de civilizações inteiras, transformando o mundo para melhor. Os senhores devem ter compreendido que a tônica do meu discurso perpassou a Educação todo momento. Falei de pessoas que levaram Mato Grosso para o mundo, como conseqüências positivas de seus estudos, uma coroação que hoje se caracteriza pela imortalidade. Imortalidade de suas produções intelectuais e culturais.

Da Educação, Literatura e Humanização

Quando li *Educação como Prática de Liberdade*, de Paulo Freire, inevitavelmente, na minha pequenez, aludi à personagem de meu conto, aquele que estava preso na cúpula e que se libertou para o mundo, viver junto aos pecados do mundo. Creio que assim é o ser humano; um dia precisa sair, enfrentar o mundo, conviver com seus perigos, obstáculos. Vencê-los. A educação é um caminho para isso. Sem dúvida, uma prática libertadora, sem demagogias ou chavões que não cabem mais na sociedade onde vivemos.

Chegamos ao conceito de educador como intelectual orgânico, desenvolvido por Florestan Fernandes, quando se pensa a educação como mola

propulsora do desenvolvimento de uma nação e, por consequência, do mundo. Em potencial, a inteligência habita o ser humano, de modo que a educação sistematizada, somada ao conhecimento de mundo, aguça o despertar de novas experiências. Trata-se de uma reação combinada que permite a construção de saberes, na perspectiva em que imaginei a produção do livro *A Teoria e a Prática na Construção de Saberes* (2013).

Pensar a educação como possível caminho de melhorias pessoais e coletivas, impactando necessariamente nas esferas sociocultural, econômica e política requer também repensar o sentido de humanização. Ainda somos indivíduos embrutecidos, egoístas, ciumentos, em plena pós-modernidade. O processo educacional humaniza, refina, burila a alma. Gradativamente, quintessencia o comportamento do indivíduo.

Por essa razão, penso que Antonio Candido foi magistral ao considerar a literatura um direito humano, uma necessidade do homem na busca incessante pela sobrevivência. Isso porque ela humaniza. Nesse contexto, lembro-me de Cecília Meireles, grande poeta brasileira que também deu seu legado à educação. Chamo-a de poeta porque a escritora, no poema “Motivo”, o eu-lírico afirma: “Eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa/ Não sou alegre nem triste:/ Sou poeta”.

Para Cecília, todo dia é tempo para se admirar a nova educação. Educação que tira da inércia, do efêmero, da alienação. Afirma que

temos que lutar todos os dias contra a inércia. Não podemos permitir que a nossa existência pare, nesta assombrosa continuidade dos acontecimentos. E, para isso, precisamos, antes de tudo, reagir contra a invasão de ideias comuns, do comodismo de certas fórmulas, servilmente aceitas, da passividade das atitudes que se ficam repetindo, pela incapacidade de tentar outras melhores, ou pelo temor de enfrentar qualquer risco⁸.

⁸ MEIRELES, Cecília. “A escola moderna”. In LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Massangana, 2010, p. 79.

O fato de ter citado pensadores da educação brasileira, tais como Paulo Freire, Florestan Fernandes e Cecília Meireles, assim como poderíamos alcançar notáveis educadores como Darcy Ribeiro ou teóricos como Rousseau, foi circunstancial, tendo em vista que ousarei discutir algumas questões sobre a educação superior em Mato Grosso e, conseqüentemente, o papel da Universidade do Estado de Mato Grosso nesse contexto.

Visto como um estado periférico, Mato Grosso tem fortalecido a educação superior, investindo na qualificação do quadro de docentes das universidades públicas. Com a UNEMAT não é diferente. A qualidade do ensino, pesquisa, extensão e cultura é fruto do trabalho de professores de alto quilate, que têm feito de uma universidade de apenas 35 anos uma referência para o Brasil e o mundo.

Das homenagens e agradecimentos

Magnífico Reitor, Pró-Reitores, Diretores e demais autoridades acadêmicas presentes. Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras e demais acadêmicos. Peço licença para render homenagens à UNEMAT. Instituição onde estudei e possibilitou que eu estudasse em outras IES, brasileiras e estrangeiras. A essa universidade devo gratidão e, por isso, digo: muito obrigado pela graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, livros publicados, revistas produzidas. No ambiente universitário, aprendi a amar literatura, produzi-la, disseminá-la. Aprendi também a amar e compreender a arte, não só a arte da palavra (oratória), mas também as visuais, o teatro, a música e a dança. E, sobretudo, ensinaram-me a fazer ciência. Ciência da linguagem.

Vinte e um anos se passaram. Então, posso dizer: Era uma vez! Era uma vez o primeiro bloco de salas de aula da UNEMAT (e eu estava lá); alunos que estudavam em barracas, entre sol e chuva, em forma de protesto para que os outros cursos sáíssem de escolas públicas e pudessem integrar uma cidade

universitária (e eu estava lá); aulas de literaturas, línguas, humanas, livros, projetos e uma colação de grau (e eu estava lá); Depois, um concurso e cargos, diversos cargos, bancas (e eu estava lá); qualificações, escritas, criações de centros, núcleos, grupos de pesquisa, especializações, mestrados, doutorado (e eu estava lá). E hoje, senhores, eu continuo na universidade do Estado de Mato Grosso, que aqui está fortemente representada por dirigentes, professores, Administrativos e alunos. E sei que estão orgulhosos de mim. Um orgulho bom, porque é uma prata da casa que alcança o mais alto grau que havia sonhado: o reconhecimento de uma Academia de Letras.

Era uma vez, Olga Castrillon-Mendes, Vera Maquêa, Elisabeth Batista, Leonice Pereira, Marta Batista, Sandra Raquel de Almeida Cabral, Maria Inês Parolin, Taisir Karim, Gleide Amaral, Neuza Zattar, Mirami Reis, Leila Bisinoto, Vera Regina, Jânio Veiga, Valdir Silva, Maritza Maldonado, Marisa Pereira, Nancy Lopes Yung, Bento Matias... Enfim, era uma vez. Todos eles foram, na minha vida, professores, mestres, doutores. Era uma vez que se tornou para sempre, pois os admiro e respeito, e hoje são meus colegas de trabalho.

A digressão feita foi para demonstrar o respeito que tenho pela Universidade do Estado de Mato Grosso, cada professor, cada Técnico-administrativo, cada aluno. Feito esse reconhecimento *público*, sinto a necessidade de dizer algumas palavras aos integrantes da Academia Mato-Grossense de Letras, aos quais quero que se sintam representados pelos acadêmicos Yasmin Jamil Nadaf, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Avelino Tavares, José Ferreira de Freitas e Eduardo Mahon.

Yasmin Nadaf, uma fonte onde encontramos conhecimento. Bebi nessa fonte quando escrevi sobre a contística mato-grossense e quando produzi o livro *Teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Essa escritora/pesquisadora é uma referência aos estudos de literatura brasileira produzida em Mato Grosso, e

não só, também sobre autores e obras significativas das literaturas brasileira e universal. Com Yasmin, aprendi a valorizar e a me dedicar ao estudo da cultura mato-grossense, porque ela mostra, com sua paixão e competência, a riqueza literária de nosso estado. Sinto sua falta, Yasmin, nas universidades públicas de Mato Grosso. Você estaria somando conosco na qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação. Ainda quero vê-la integrando o quadro de docentes de nossa UNEMAT.

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, a quem chamo desde sempre de MESTRE. Conheci primeiramente pelos livros, depois palestras e, enfim, neste casarão. Quando presidente desta academia prefaciou o meu livro de contos, intitulado *Mente Insana* e foi extremamente generoso. No texto, ele escreveu: “É mister que este autor trilha caminho pouco desvendado em nossa contística, prometendo, pois, muito para a ficção mato-grossense”. Minha admiração por Sebastião Carlos segue também pelos estudos acadêmicos que ele desenvolveu a respeito da primeira crítica teatral em Mato Grosso, de modo que ele foi uma fonte onde bebi na construção de meus estudos sobre o teatro em Mato Grosso.

Avelino Tavares, amigo que conheci a pouco tempo. Recebeu-me nesta casa Barão de Melgaço, ofereceu-me oportunidades de conversas instrutivas a respeito da Academia Mato-Grossense de Letras, cultura mato-grossense, literatura. A cada conversa com o professor Avelino (para mim, sempre foi um professor), eu aprendi a ter fé em tudo que desejo. Lembro-me de quando ele me disse: pense no cosmo, tenha fé nele, que conseguirás realizar a empreitada que desejas. E aqui estou para ocupar a cadeira 10.

Preciso também lembrar o notável José Ferreira de Freitas, nobre jurista. Recebeu-me em seu apartamento diversas vezes onde conversamos sobre cultura, literatura, publicações e os rumos da intelectualidade mato-grossense. Nobre político, Freitas é uma das personalidades que mais admiro e, por isso, eu

não poderia deixar de mencionar neste discurso de posse. Obrigado, doutor Freitas, pelo seu apoio, sua generosidade e ensinamentos dispensados a mim, nesse pouco tempo de convivência.

Eduardo Mahon, Presidente desta Academia, a quem volto a saudar para dizer o quanto o admiro. Entro para Academia quando a Casa Barão de Melgaço passa por um momento de dinamização das suas atividades, execução de projetos significativos de reorganização e reestruturação, tanto de sua parte física quanto intelectual. Nesta sua gestão, nobre Eduardo, a Academia não está à espera do povo, mas indo ao encontro dele. Tenha a certeza de que o caminho é esse, pois não há sentido em enclausurar a cultura, nem o conhecimento. É necessário difundir e popularizar a cultura, nesse tempo de crise que vivemos e diante dos imperativos da sociedade moderna.

Algumas considerações

À guisa de conclusão de meu discurso, faço referência a D. Francisco de Aquino Corrêa, que por ocasião de seu discurso pronunciado na sessão inaugural do Centro Mato-Grossense de Letras, em 07 de setembro de 1921, afirmou:

Façamos a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria, no futuro, nas grandes verdades que não passam.

[...]

Façamos uma literatura que professe cavaleiramente a bela divisa de um dos nossos homens de letras: *aedificabo!* Literatura que saiba edificar a grandeza moral da Pátria, atraindo ao bem os corações ainda mais brancos e refratários, como a dourada lira de Amphião, sob o encanto mágico das suas melodias, arrastava as pedras da Beócia, para a construção dos legendários muros de Tebas⁹.

As palavras de D. Aquino dialogam com as de Antonio Candido, ao conceber literatura como meio de humanização. *É engraçado pensar que o ser*

⁹ ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, *Revista Comemorativa dos 90 anos*, p. 32. Grifos do autor.

humano precise ser humanizado, mas é a realidade que vivemos há muitos séculos. São indicativos que solidificam o sentido da literatura que, como arte da palavra, ela aguça o sentimento e toca a sensibilidade. Penso que é nessa ordem que se estabelece o sentido de uma casa de cultura e intelectualidade como a Academia de Letras, lugar de preservação (positiva) de bens culturais, sejam eles literários ou artísticos.

Literatura, portanto, é um potencial que prevê esperança, futuro, verdades, subversão (ao introduzir novos conceitos e quebrar convenções); penso literatura como edificadora, mágica e construtiva. Construtiva nos diversos setores: material e espiritual, no munda da realidade e no mundo dos sonhos, na utopia e na desilusão. Literatura e arte, de certo modo, representam *não só a sociedade de determinados períodos históricos, mas também as ansiedades do escritor/poeta. Fernando Pessoa traduz essa peculiaridade de um modo amplamente poético, em autopsicografia, ao dizer:*

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração¹⁰.

Inspirado em Pessoa, com a razão inebriada pelo sentimento de realização, satisfação, confesso, senhores, não sei definir, concluo este discurso agradecendo:

¹⁰ PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Academia Mato-Grossense de Letras, por abrir suas portas a um escritor jovem com muito chão para andar, muita lição para aprender, muita produção a oferecer à sociedade brasileira. Obrigado, acadêmicos, por me elegerem! No que depender de minha prática literária, vou ajudar a elevar o nome desta Academia ao mais alto patamar cultural, pois ela merece!

Universidade do Estado de Mato Grosso, pelos apoios na minha formação, publicações, projetos. Em todos os lugares que eu estiver, o nome da UNEMAT será representado com alta responsabilidade de minha parte, e, sobretudo, competência. Sou fruto da universidade e por ela exercerei meu ofício de docente e escritor com dignidade e decência.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, pela minha integração no quadro de sócios. Espero continuar, junto aos confrades, desenvolvendo ações voltadas à cultura cacerense, bem como ao incentivo da literatura e da arte produzida na Princesinha do Paraguai.

E, finalmente, dedico este meu discurso à minha família: Minha mãe Maria Rodrigues e meus irmãos (Agostinho Rodrigues da Silva, Arcy Rodrigues da Silva, Aparecida Rodrigues da Silva, Antonio Carlos Rodrigues da Silva, Paula Sheila Rodrigues da Silva). Juntos, nós temos vencido cada batalha gradativamente.

Senhores, senhoras! Estou eleito e empossado! Agradeço a presença de todos que aqui vieram para me homenagear. E pedido de licença a Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, Palmiro Pimenta e Corsíndio Monteiro da Silva, todos eles magistrados, faço uso desta pelerine e me sentarei na Cadeira nº 10. Não sou da área jurídica, como foi tradição dos ocupantes dessa cadeira, mas sou um dos mais fiéis advogados da linguagem, da literatura e da arte.

Avante escritores! Avante Vera Maquêa, Isaac Ramos, Marta Cocco! Avante Lucinda Persona, Ivens Scaff, Irene Rezende! Avante Airton Reis,

Sebastião Mendes, Luiz Carlos Ribeiro! E para coroar todos nós que dedicamos
nosso conhecimento à criação literária, eu concluo: Avante Manoel de Barros!
Avante à Literatura de Mato Grosso!

Cuiabá-MT, 30 de abril de 2014.